

O PROGRESSO CATHOLICO

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

SUMMARIO :

A'cerca da Pastoral do Exc.^{mo} Snr. Bispo do Porto, pelo padre Senna Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *O sentimento christão nas bellas-artes*, pelo padre F. Sanchez; *Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal*, pelo padre Martins Capella. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo*, pelo padre Senna Freitas. SECÇÃO LITTERARIA: Continuação da carta de Cauterets, pelo padre Senna Freitas. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. Guimarães. — EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA. — ESCRIPTOS CATHOLICOS D'HONTEM. — HISTORIA POPULAR DOS PAPAS. — A' IMPRENSA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA. — EXPEDIENTE. — ANNUNCIOS.

GUIMARÃES 13 DE NOVEMBRO

Acabámos de receber um exemplar da «Instrucção Pastoral sobre o protestantismo» — dirigida aos seus diocesanos pelo Exc.^{mo} Snr. D. Americo, Bispo do Porto.

Lêmol-a d'um hausto, e, tendo-a lido, bemdissemos a Deus...

S. Exc.^a deve sentir agora as complacencias approvadoras da sua consciencia de Bispo, a galardoar-lhe deado já o serviço prestado á sua diocese e ao seu paiz.

A «Instrucção» que temos á vista, é um labor de impondente opportunidade, uma obra de vigilante e inflammado zêlo, um trabalho magistral de vez, a quaesquer respeitos.

Habituosos á estylada columna e meia das nossas modestas pastoraes, gratissimamente nos surpreendeu a recepção da extensa (e, por igual, concisa) Instrucção pastoral do Snr. D. Americo, que no seu (bem lhe podemos chamar) tractado sobre o hodierno protestantismo, se alteou á plana dos excellentes trabalhos de exegese, dos seus collegas no actual episcopado catholico. São actos d'esta natureza e de tal procedencia que alevantam a Igreja portugueza do marasmo; que

fazem emergir do torpor o clero timido ou descuidoso, e golfam plena luz na espessura das trevas em que se agitam os christãos incautos: são alertas de corajosa sentinella, que, atalando ao redor do campo, desperta e põe de sobre-aviso os nossos que dormem, e afugenta os aventureiros que se atrevem a penetrar-nos nos arrancaes pela calada da noite, em quanto os despercebidos soldados jazem debaixo da tenda da indifferença, ou d'uma impróvida segurança!

S. Exc.^a diz-nos que já não ha dissimular que «o protestantismo so introduzio» na sua diocese, o que «uma das suas seitas... vai pouco a pouco e com mão occulta disseminando os seus erros (n'aquella porção do nosso Portugal) até hoje d'ellos virgem.»

Demais o sabemos! Assim é, ainda mal, assim é, ha já muito.

O protestantismo, *deshonrado* no proprio foco por constantes derrotas, ou pela deserção dos seus mais sinceros adeptos, e pelas transformações das suas seitas n'outras muito mais achegadas ao catholicismo (1), vem bastecer-se entre nós do que em casa perde a flux. Remette-nos carregações de bufarinheiros de biblias escuras, as quaes servem de abrir praça a outra collecção de sophismas de controversia, e de heresias em picado, que, sob a fórma de folhetos ou de diminutivos de folhetos, vão sendo impingidos aos incautos, para protestantisa-los á surdina. Processo facil, luminosissimo, que por dez réis de sciencia religiosa faz d'um catholico um *reformado*, e d'um portuguez um inglez ou um allemão pelo bairrismo da seita!

O Porto tinha realmente elementos para acarear quejandos propagandistas; era terreno caroavel para a *Reforma*. Ha por alli, a par de muita fé, de profunda orthodoxia e sincera virtude, muito indifferentismo religioso.

(1) Como o pascismo, e principalmente o ritualismo, que em tudo faz côro com a Igreja catholica nos seus dogmas; só não diz ainda com ella: *Tu es Petrus*. Quando o disser, já não será *ella*, será *nós*, o dar-nos-hemos o *osculum pacis*.

e muitissima enervação do costumes; n'uma palavra, muita gente que *pre-cisa-se* de baldear-se para o protestantismo, a seductora religião da *confortable life*, e a homeopathia applicada á creença e aos habitos da vida.

O flagello da heresia obra, de facto, sobre as almas, como certas molestias epidemicas sobre os corpos; onde houver má corrupção, ali operará maiores desbaratos, assim como a epidomia medica de preferencia as naturezas galdas ou viciosas (2).

Para lá, pois, apontou rumo a decantada *ella*, lá se instalou, creou raizes e deitou muito ozalho. Lá vive e goza profundamente do firo de cidade.

Agora pro clytos ás dezenas, tem templo, um elegante templo pyramidal que nem um symbolo maçonico de pedra, tem synaxes hebdomadarias, *predicantes* espendiados que confeitam a severa moral evangelica, a sa- bor e contento dos *neophitos*.

Triste, infelicissima alma! Propagar o protestantismo, hoje que elle é synonymo de naturalismo absoluto (embora se a tempo se dê por tal), não é propagar um christianismo desflorado, por uma virgem, é peor ainda do que isso, é perantur a creença pela incredulidade, dego apanhia com o indispensavel *odio* ao catholicismo», unico ponto unico dogma perfectamente assento nas seitas dissidentes.

O perigo da expansão do protestantismo pa sou. A quadra só corre á feição para o naturalismo; toda a theoria religiosa ou meramente scientifica que allenda e prenda mais ou menos na *metaphysica*, traz consigo o estigme do *credo*, que a faz desdenhar. Não o em dia, ou se é assaz catholico para e não ser nem querer ser protestant; ou se é menos que christão, para se ser protestante.

No Porto, ainda o progresso religioso não attingiu a geral as *expendidas* propostas da segunda disjunctiva; mas, ainda assim, quaes são os que ali treonhalham do *reçil*? São os que carecem de resolver as creenças

(2) Pelo mesmo principio, tem o protestantismo lavrado consideravelmente em Lisboa.

já anemicas e descóradas nos obesos e esparecidos desafogos da liberdade de pensar; os que carecem de autenticar o desprezo dos preceitos positivos da Igreja com a chancellia official d'uma seita que os dispensa; os que se delambem de satisfação, por poderem repoltrear o sensualismo das suas paixões eroticas, nos afogados principios moraes de uma religião *cortex de mais* para impôr-lhes sacrificios, ou para impôr-lh'os sem as valvulas d'faceis evasivas. São ainda, e em não pequeno número, os pobres de espirito, não instruidos, desgraçadamente, pelo nosso clero, e que tomam a sacco as seductoras palavras que no salão protestante se lhes injecta nos ouvidos; são em fim, talvez o mais d'elles, os que teem fome e frio..., sim, os que teem fome e frio. Iscados pela migalha de pão e pelo pedaço de panno, deixam-se prender no anzol da heresia.

Como se vê, a seita *evangelica* dá fezes por fezes; recebe as fezes dos nossos catholicos, e dá-lhes as fezes do christianismo, dando-se a si mesma.

Por via de regra, não faz outras acquisições.

Apezar d'isso, bons ou maus, firmes ou fracos, todos os filhos do Porto são diocesanos do Snr. D. Americo, illustre Bispo d'aquella diocese: a todos deve amor, dedicação, e maior ainda, como Pastor, ás ovelhas enfermas e erradas, que ás escolheitas e apriscadas.

Por isso, na sua magnifica *Instrucção Pastoral* se dirige aos já cahidos, para que se levantem ao clarão da brilhante luz que lhes offerece, e aos que estão de pé, para que não cáiam.

E' mais o erro que combate, do que os homens, mais aos de dentro que falla, que aos de fóra; não fulmina, persuade com a arma incurrente bicipite do zelo e da caridade, que «não é homenagem a Deus o culto que não fór voluntario e livre». A alma, aneada pelas deserções dos filhos, derama-se-lhe aos pés de Maria a commendar-lhe a causa que vem defender, e a supplicar-lhe «que a Fé pela qual pugna, «jámais soffra detrimento n'esta terra, que desde que é christã e portugueza, nenhuma outra professou senão a da sua santa Igreja...»

Assim se exprime o Pastor legitimo; intrusos embalde buscariam arremedar aquella linguagem de tão nativa e íntima sollicitude.

A doutrina da *Instrucção* corre sempre pura, conceituosa, razoada, comedida, concludente, a espaços cheia de virilidade e eloquencia, desaffecteda mas porisso mesmo genuina como a que deriva do fundo das grandes convicções e dos mais entranhados sentimentos do coração.

Por algumas vezes (com toda a chance o dizemos) affigurava-se-nos, nas portuguezissimas e insinuantes quanto formosas subtilidades de dicção, que se amiudam sobretudo no principio e no fim da Pastoral, estarmos a lêr um capitulo dos *Dialogos* de Amador Arrais, ou uma succulenta página de Fr. Manoel do Cenaculo.

O Snr. D. Americo divide o seu trabalho em cinco partes: na primeira e preambular discretêa de passo sobre as tentativas do protestantismo e expõe o assumpto e fim da sua Pastoral; na 2.ª defende a auctoridade da Igreja Catholica, caracterizada pelas suas quatro notas, d'ella exclusivas—unidade, santidade, catholicidade, e apostolicidade—; na 3.ª refuta o erro fundamental do protestantismo, ou o livre exame, e faz a acareação d'este principio dissolvente da *Reforma* com o do magisterio, divinamente instituido e essencialmente unificador, do catholicismo; na 4.ª impugna os principaes erros dos protestantes, desafiando e provando os graves males que d'aquelles promanam; concluindo na 5.ª parte por uma curta parenese aos parochos, e pela individuação dos meios mais azados para combater o protestantismo.

Aqui da soleira raza do *Progresso Catholico* felicitamos S. Exc.ª Rev.ª e com ella a sua diocese, pelo eminente serviço que S. Exc.ª prestou aos seus diocesanos e ao paiz com essa *Instrucção*, que não podemos melhor caracterisar do que pelo *bonum opus* do Apostolo; e fazemos votos para que ella colha os fructos de benção por que a optima semente desde já está clamando.

Oxalá que os tresmalhados voltem ao aprisco; que os fracos se apercebam a tempo, para se não deixarem embair; que os propagandistas córem, á voz do Pastor, da vil faina de aliciadores de apostatas; oxalá principalmente que o clero portuense ouça essa voz auctorizada do Preposto ecclesiastico, e acabe comsigo de dormir a somno sôlto.

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

O sentimento christão nas bellas-artes.

(Conclusão)

Quando passo em revista a maior parte da *Renasçença* e descubro n'ella a carencia absoluta de sentimento e espirito christãos, salvo honrosissimas excepções, não posso resignar-me

a ver indifferente tantos genios transviados.

Aqui é o poeta lubrico e licencioso, descrevendo com vivissimas côres, repellentes bacchanaes; além o pintor e o esculptor esmerando-se no estudo do nu, para o tornar palpitante de sensualidade.

Aqui é o maestro, levando para dentro dos muros sanctificados d'uma egreja, composições que rememoram scenas eroticas reproduzidas no palco; além o architecto-machina *calcando* e galvanizando modelos já gastos.

Parecem todos empenhados d'alma e coração na tristissima empreza de nos fazerem recuar aos tempos de Epicuro e de Lucrecio!

E é a isto que se chama verdadeiro progredir? Não, mil vezes não.

A chave das modernas civilizações é o christianismo, porque compendia a religião e a moral mais perfectas, porque satisfaz todas as necessidades do espirito n'este peregrinar terreno; porque retempera a alma na fonte viva da fé, dando-lhe azas para novos commettimentos; finalmente porque é divino.

A Egreja Catholica, edificio desenhado vezes secular, cimentado com o sangue de centenares de martyres, é o pharol, que projecta luz abundantissima, vae em dous mil annos, sobre as brunas da intelligencia.

Desconhecê-lo é desconhecer a historia ou deturpal-a.

Quem civilisou joeirando todos os elementos bons, essas hordas selvagens do norte que, semelhantes a rios impetuosos, cairam sobre o sul da Europa? O christianismo.

Quem, nova arca de Noé, recolheu as sciencias e as letras n'esse longo periodo de incubação, que se chama idade media? A Egreja Catholica.

Quem mais impulsionou e animou todas as manifestações do espirito do que esse pontifice immortal que mereceu dar o seu nome ao seculo em que viveu? Ninguém ignora o nome preclaro de Leão X. Não foi porventura nas paginas dos livros santos e nas tradições gloriosissimas da Egreja Catholica que Dante, Tasso, Milton, Klopstock, Miguel Angelo, Rafael Murillo e Palestrina, e tantos outros poetas e artistas inimitaveis, verdadeiros assombros da humanidade, beberam a inspiração de suas obras primas?

Quem envia esses obreiros da boa nova, armados da cruz e do evangelho, a desbravar intelligencias, a adocar costumes, a quebrar grilhões, a derrocar preconceitos e a fomentar virtudes, inoculando na alma de povos embrutecidos os são principios da caridade e da justiça?

Que espirito anima esses missiona-

rios da verdadeira civilização, dando-lhe intrepidez sobrehumana para se internarem nos gelos da Siberia, nas steppes da Russia, nos pampas e savanas da America, nos torridos desertos da Africa, nas masmorras infectas de Constantinopla e da China, por toda a parte onde haja dores a alliviar e ignorancias a esclarecer?

Responda por mim a consciencia de todos os homens de boa fé.

Se é pois o catholicismo a solução unica do grande problema: o progresso das modernas sociedades—as obras do genio devem traduzir o influxo d'esta religião divina, tendo primeiro passado pelo cadinho de corações impregnados de sentimentos altamente christãos.

A religião, a patria, a moral, as leis e a natureza são os grandes assumptos de que as bellas-artes devem ser fieis interpretes. Foi n'esses elementos constitutivos da principal civilização d'um povo, que se incarnaram os imortredouros poetas e artistas gregos.

Differentes, porém, e bem differentes são as vias do progresso, iniciadas pelo Homem-Deus; e o cultor do bello que as não trilhar dará uma prova de inferioridade, porque não soube comprehender o meio social que o viu nascer.

Não sei se me alcunharão de sonhador; alimento, porém, uma convicção profunda de que a indiferença religiosa e depravação de costumes, que hoje campeam sem bragas, são apenas um estado transitorio do espirito da humanidade.

Apoz elle fulgurará com todos os brilhos a religião do Divino Martyr, acolhendo-se no redil da Igreja Catholica, como unico elemento de paz, ordem e felicidade individual e social, de progresso e civilização, todos os homens susceptiveis d'aprenderem com os ensinamentos da historia: e as produções do bello que contrariarem esta missão eminentemente civilisadora do christianismo, serão amarradas ao pelourinho d'uma severa e justa critica.

E na verdade que direito tem ás nossas ovações aquelle que inutilizou o talento que Deus lhe deu, convertendo-o em alvião com que cavou mais fundo a ruina social?

Como quer subir ao capitolio da immortalidade e occupar um lugar honroso no pantheon das grandes celebridades, quem esposando uma causa má e em desprezo dos seus principios da moral e da justiça, inoculou algum principio de perversão no coração do homem?

Este poderá fascinar alguns espiritos pelo primor da execução e attractivos da forma, mas a sua obra ficará

eternamente viciada sob o ponto de vista mais relevante — o sentimento christão.

P.º F. SANCHES.



Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal

Bem quizera eu saber ao certo o que sentem a estas horas, na questão sujeita os nossos pensadores.

Se estarão satisfeitos da sua obra os homens da idea-nova... mais ou menos nova?

Fingem ás vezes uns medos tão comicos da *hydra* estes Alcides d'agoas mornas; outras vezes apenas se dignam miral-a do alto do seu desprezo, tão engravatado como mal seguro; condescendem mesmo até á benevolencia d'um desdem tão olympico, que não sabe a gente onde aprenderam aquillo, o menos ainda—em que ficam.

Se tão oscillante é o thermometro do seu sentir respectivamente ás cousas da Igreja, que não põe reparos em accusar saltos mortaes, desde o gelo da indiferença estúpida até á ebulição do odio rancoroso!

E' uma *balança* louca que perdeu seu centro de gravidade; uma *agulha* desnorteada; um *relogio* de má nota que não acérta a quantas anda.

Pois visto que não me hão-de alumiar n'este passo os nossos grandes *luminares*, de mim direi o que sinto e penso tão modesta e chãmente como convem á minha obscuridade.

Enquanto a presente geração se vai escoando, silenciosa e cabisbaixa, por meio dos grandes destroços—*grandia ossa*, e as venerandas reliquias da Igreja Catholica n'estes reinos fidelissimos; enquanto a turba dos niveladores entretem os ocios jogando aos dados os farrapos da sua tunica d'ella vou eu sentar-me junto aos rios d'esta Babilonia que tem nome de Revolução, e *pensarei alto* curtindo saúdades de Sion.

Se os que passam me ouvirão, e ouvindo cuidarão, como Nehemias, em reconstruir a santa cidade, não sei.

Cada qual faz o que pôde e o que deve, e não cura dos acrescentamentos que só a Deus pertencem.

Quando este reino de Portugal ganhou as suas esporas de cavalleiro em Ourique, encontrou-se com *alguem* que não só o auxiliou na ardua empreza, mas foi o primeiro a apertar-lhe affectuosamente a mão, a mão d'um bravo.

Maior sympathia, fé jurada mais leal, mais nobre dedicação não a ti-

veram nunca dois collaços, irmãos d'armas. Uma mãe não era mais solícita e afanosa em agasalhar no regaço seu filhinho, e em o educar para grandes destinos, de que para o nosso estado foi o dedicado amigo.

Foi a Igreja Catholica esse amigo, essa mãe disvelada que nos acalentou ainda nas faxas infantis, nos creou ao peito, nos industriou, guiou e amparou nos grandes caminhos da prosperidade, da honra e da gloria atravez de mundos ignotos.

— Teremos nós sido bons filhos, amigos gratos?

— Nossos avós foram uma e outra cousa, nós... responda cada um por si.

Nos tempos aureos da nossa historia, era a Igreja em Portugal um como edificio d'amplas proporções, de magestoso porte e nobre perfil assente em vistosa eminencia. Era o enlevo dos corações, o orgulho d'um povo brioso e forte.

As ordens religiosas formavam-lhe em derredor um fulgente diadema, uma opulenta cintura, um soberbo portico. N'esse fortissimo antemural esbarravam as legiões inimigas: ao seu abrigo, como n'um asylo immenso, recolhiam-se todas as almas feridas nos sarcaes d'esta vida; era ahi mesmo um seminario feracissimo de homens superiores, de corações *d'élite*, d'almas nobilissimas.

D'um lampadario acceso no interior do templo partiam atravez de mil frestas os vividos clarões da fé que multiplicando d'intensidade no lustroso perystilo alagavam de luz as montanhas e os valles, e os mares além, desde os longinques paizes da aurora até ás praias do novo-mundo.

Esta luz era a *esteira* brilhante por onde se lançaram á caça de outros mundos os galeões portuguezes; a *corrente electrica* que chamou á vida as velhas gentilidades sentadas nas trevas e á sombra da morte; era a *esperança* em destinos superiores que alevantava o coração do homem até ás mais sublimes dedicações, e formava naturalmente os heroes.

Dentro, o episcopado era como dois renques de robustas e airosas columnas, onde descancavam as floreadas abobadas que punham a cobérto o interior, das intempéries da descrença descabellada e cynica. As vetustas muralhas intercaladas de pilastras sustentando as architraves, frisos e cornijas do edificio formavam-nas o clero secular e o parochial.

«O sacro recinto enchia-o todo a magestade do Senhor!»

Ahi se apinhava um povo inteiro para tratar com o seu Deus, para as-

sistir aos tremendos mysterios e ouvir palavra de vida.

Formava-se o portuguez d'essas eras, n'essa escola digna do homem, onde ninguem duvidou de sua nobre origem e superior destino, e das verdades todas de primeira ordem que constituem o grande cabedal do christão.

Os tão preconizados conceitos do *dever*, da *honra*, da *probidão*, da *lealdade* eram o fundo vivo da educação e o relevo mais saliente do caracter cavalheiresco.

O *amor de Deus* e da *patria*, a *fielidade* á gloriosa bandeira das quinas, a *fé jurada* ao seu rei, tornavam-se os elementos fortissimos d'essa vida superior, as moles que o impeliam no caminho do heroismo.

Eram todos uma só familia, uma só alma, um só coração; porque um só era o seu Deus, a sua cruz, a sua.

D'esse centro de luz e vida se partiram para o theatro de suas grandes façanhas, os Gamas, os Alarcões, os Albuquerquez, os Pachecos, e o Castro forte.

«E outros em quem poder não teve a morte.»

E para ali voltavam a flamar os famosos lidadores, honra da patria, como astros lamíneos, descripta a sua orbita, querendo que seus attos os orvalhasse d'agua lustral a posteridade agradecida.

Placidos decorreram os annos e os seculos n'esta unido tão intima, quando além chegara a na roda dos tempos uns homens soberbos e vaçloriosos que tiveram veleidades de reformar a nobre architectura mutilando o vistoso pórtico na sua porta que já mais priorosa — a Companhia de Jesus.

A calunnia, a inveja, a propalancia, a injustiça, a ingratião, a crueldade de tigre e a cobardia de raposa da infama especie tudo deram as mãos em acaçoso consorcio, e vieram ao fim do derrubar e *deshonrar* essa formosa columnata do mais rico porphyro.

— Não foi nada, asseguraram uns. — Mas exemplo! murmuram outros. Effectivamente, um século não era passado e o exemplo tinha imitadores.

Uma tribo de vandalos, que por mal dos nossos peccados por ali ficara algures, levantou-se um dia armada do estúpido demônio da destruição e da rapina, foi-se á veneranda e sacratissima obra de tantos seculos e lançou por terra, alfinat, desmoronou, despedaçou, roubou, d'ágora!

De pé ficava ainda a Igreja primitiva, que não era obra de vir abuxó com essa grossa; porém mutilada e profundamente abalada.

Lá dentro arde ainda a luz da fé

que, desde que perdeu os *refractores*, limitou por demais a sua intensidade. Mal para o continente e nada para os d'além-mar que se affundam a olhos vistos nas trevas primeiras.

A nós mesmos já ninguem nos conhece no mundo, a não ser para nos insultar e roubar.

Porque ãa casa de Deus vai *frio* e *fome* da palavra e da caridade, reina por ahi a ignorancia, o erro, a descrença, e o egoismo; e os caracteres descem a um nivel assustador.

Das próprias *columnas* do interior, algumas estão prestos a vir a terra.

As outras e ás *pilastras* do muro, não podendo elles derruil-as, tem-lhes quebrado os relevos, tem-n'as desligando, coberto de vil *emplastragem*, e arrimado a ellas a sua tenda de bohemios...

Às vezes o marmore de fino lavor repelle a *emplastragem* e sacode a tenda para mostrar seu perfil primitivo... mas o empenho em contrario é tenaz, e a obra demolidora continúa.

Veremos isso por partes se Deus quizer.

P.º MARTINS CAPELLA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo

III

Ao entrar no terreno proprio do positivismo materialista, cumpre-nos advertir primeiro que tudo, que a sua discussão completa exige um livro, e não é possível encerrá-la dentro dos limites naturaes d'um artigo. A these materialista contemporanea é mui complexa, podendo dizer-se que envolve a um tempo a negação da theodicéa e da moral, da cosmologia e da psychologia. Por esta razão vamos circumscrever nossas reflexões á dupla these da negação de Deus e da alma como espirito ou ser immaterial. Demonstrar que o materialismo não tem direito nem razão n'estas duas theses, equivale na realidade a demonstrar a sua falsidade radical e universal, porque é innegavel que ellas constituem as theses fundamentaes em que se resumem e condensam todas as demais affirmações e negações da escola materialista.

Não ha Deus, nos diz o materialista de nossos dias, repetindo a palavra do impio a que alludiu a Sagrada Escriptura ha já muitos seculos: *Dixit insipiens in corde suo: non est Deus*. Deus é uma chimera, um producto da imaginação humana, uma ficção sem realidade, repete o positivista

contemporaneo, fazendo-se ecco fiel e ro-tineiro de Epicuro e Lucrecio.

Sem dúvida que para estabelecer uma negação tão radical e absoluta, e sobretudo para enunciar uma these de tanta transcendencia na ordem scientifica, tanto como na moral, social e religiosa; o nosso materialista se acha de posse de provas e razões evidentissimas assim como de soluções claras e innegaveis para os argumentos em prol da these contraria. Não parece licito pôr isto em dúvida; mas para nos convencer-nos de que assim é, ouçamos um dos representantes principaes, e mais ferventes do positivismo materialista. «Sendo certo que não ha ideas innatas, tambem é positivo e evidente que a idéa de Deus, de um ser supremo e pessoal que creou o mundo, o governa e conserva, não pôde ser innata, e que estão em erro quantos sustentam que esta idéa é necessaria e está implantada no homem, sendo por conseguinte irrefutavel. Os sectarios de similhante doutrina allegam que não ha povo ou individuo algum, por selvagem ou pouco civilisado que seja, em que não se encontre a idéa de Deus, ou a creença em um ser superior e individual.

Sem embargo, o exacto conhecimento e a observação imparcial, tanto dos individuos como dos povos, no estado da natureza, demonstram precisamente o contrario. Com effeito, só pessoas preocupadas podem achar no culto que os antigos e os modernos têm tributado aos animaes, alguma analogia com a creença propriamente dicta de um Deus... Alguns viajantes inglezes que estiveram na America do Norte, referem que são muito limitadas as idéas religiosas dos indios do territorio do Oregon. E' mui duvidoso que tenham noção alguma de um Ser supremo... Os *caloches*, tribu india, não tem culto exterior algum, e representam o Ser supremo em forma de corvo.»

N'este tom esta escripto todo o capitulo destinado a provar que não ha Deus, e reduz-se a citar tribus e povos que não têm idéa de Deus, na opinião de alguns viajantes e... historiadores. A isto, e só a isto se reduz a argumentação com que Büchner pretende demonstrar a não existencia de Deus na obra que tem por titulo *Força e Materia*.

— Licito nos será portanto discutir, ao menos de leve, o valor scientifico e real de similhante argumentação.

Pondo de parte aquelle — sendo certo que não ha ideas innatas, dando como resolvido um problema de solução difficil por sua natureza, e muito mais insolúvel para o positivismo, que só admite como legitimo o methodo experimental e sensível, a primei-

ra cousa que na passagem citada chama a attenção, é a deducção *positiva e evidente* de que não existe Deus, postoque d'Elle não temos idéa innata. Sem dúvida que Büchner e companhia se julgam com direito a prescindir da logica, ou melhor, a formarem uma para seu uso particular, como se julgam com direito a prescindir de Deus. Porventura a existencia de Deus e a demonstração da sua realidade descansa exclusivamente na hypothese mais ou menos provavel das idéas innatas?

Tanto valeria dizer que Aristoteles, Cicero, Santo Agostinho, S. Thomaz e Bossuet foram atheos, ou que ao menos deveram professar o atheismo, uma vez que não admitiram as idéas innatas. Esta só reflexão basta e sobra para reconhecer o valor scientifico da argumentação apresentada pelo philosopho allemão, para negar a existencia de Deus, postoque toda ella assenta na mencionada hypothese, não monos gratuita que falsa, de que a realidade objectiva de Deus só pôde provar-se por meio da theoria das idéas innatas.

Não: a existencia de Deus na ordem scientifica, da razão e da logica, não depende da existencia ou não existencia das idéas innatas. Suppondo e concedendo que estas não existam, e até que não exista nenhuma d'esta classe, quedarão de pé as várias razões e provas com que a razão humana, apoiando-se sobre os factos positivos com mais exactidão e boa fé que os materialistas, demonstra a necessidade e existencia de Deus. O argumento *cosmológico* baseado na contingencia experimental e positiva dos seres mundanos, por uma parte, e por outra na impossibilidade real e logica do *processus in infinitum* na serie de causas e de factos; o mesmo que o argumento *physico-theologico* baseado sobre a ordem, a harmonia e a belleza *experimentaes e positivas* no mundo, que accusam da maneira mais evidente, e até em certo modo experimental, positiva e tangivel, a existencia d'uma intelligencia suprema, causa supra-cosmica da existencia e govêrno do universo, e razão sufficiente de sua unidade, são completamente independentes da existencia ou não existencia das idéas innatas. Logo é um suphismo, uma argumentação impropria de um homem serio, afirmar e deduzir a não existencia de Deus, tomando por base e premissa a não existencia de sua idéa innata. Para semelhante argumentação fosse conclusiva e scientifica, seu auctor devêra haver demonstrado de ante-mão que a existencia de Deus só pôde provar-se por meio da sua idéa innata, cousa que não é facil que o verifique o auctor da *Força e Matéria*.

Alem d'isto, devemos acrescentar, que mesmo collocada a questão no terreno estreito e hypothetico em que a colloca o escriptor mencionado, sua argumentação está muito longe de reunir os caracteres, não diremos d'uma demonstração, mas nem sequer d'uma razão de solida probabilidade. Para convencer-se d'isto basta ter presente: 1.º, que as relações e dados subministrados pelos viajantes e historiadores sobre esta materia, nem sempre reúnem as condições criticas que pede o caracter absoluto de suas afirmações e conclusões; 2.º, que ainda admittida a verdade dos dados e apreciações que no citado capitulo se mencionam, sempre ficariam muito aquém da veracidade, exactidão e número de factos e afirmações que indicam e comprovam a existencia da idéa e culto de Deus na razão humana. Que são ou que significam com effeito, alguns factos isolados d'algumas tribus, ou nações selvagens, em comparação do immenso número de tribus, de nações e de civilizações que a historia nos apresenta reconhecendo e adorando a Deus? Logo ainda limitando-nos ao terreno estreito e concreto, escolhido pelo coryfeio do materialismo atheista, sua argumentação carece de todo o valor aos olhos da sciencia e da sã critica.

O que Büchner chama idéas innatas de Deus, e nos outros appellidaremos senso commum do genero humano, acha-se em necessarias e intimas relações com o que constitue a prova ou argumento moral da existencia de Deus. O homem é regido por uma lei moral, que encontra escripta em seu coração, lei gravada profundamente no fundo da consciencia, e que, como do interior d'um sanctuario, faz ouvir a sua voz assim ao homem do mundo pagão, como do mundo christão.

(Continua)

ZEPHERINO GONÇALVES.

SECÇÃO LITTERARIA

Continuação da carta de Caüterets, dirigida a Bernardino José de Senna Freitas

Examina commigo este movimento, esta vida vertiginosa, que converte a grande arteria de Lourdes, que conduz á gruta, no espectáculo d'uma cidade tomada d'assalto.

E' que ha hoje nada menos que tres peregrinações, que por acaso se reuniram na *Cidade da Virgem*, a peregrinação de Nantes, a de Avignon, e a de Castelnodaris; perto de 4:000 pessoas ao todo.

Paremos aqui á porta d'esta loja, e observemos.

Tres jovens nantenses compram cada um o seu cirio a uma vendeira ambulante, para a procissão nocturna d'hoje.

Um redactor da ... descinta o *Universo* que acaba de lhe ser entregue pelo carteiro, e vai lendo pela rua as últimas noticias.

Um bispo do Oriente passa junto de nós, ladeado do seu secretario e famulo; caminha gravemente, concerta a posição do chapéu de borla, e ajusta sobre o peito a cruz de ouro.

Dez ou doze avinhonenses, burguezes ou artistas, acodem á gruta com passos insoffridos, caminhando sem ordem, mas com corações alegres nos rostos.

Uma senhora de quarenta annos pára diante d'uma *vitrina*, e escolhe dois lindos terços para duas *bourinhas* ainda mais lindas, que traz pela mão.

Alguns dominicanos de diversas provincias de França atravessam a rua em direcções oppostas, trajando *liberrimamente* o seu habito (o liberrimamente não é erro de penna, em quanto te escrever de França), e ao encontrarem-se, saudam-se com risos que lembram o campo, e abraçam-se como velhos amigos.

Duas irmans da caridade, tendo as mãos enfiadas nas amplas mangas, passam do outro lado da rua, com aquelle ar singelo, bom, desempoadado, meio marcial meio feminino, que lhes é proprio: caminham depressa e meneando seccamente a orla do vestido fazem tenir a thesoura do trabalho contra a cruz do seu rosario.

Um official de infantaria detem-se de repente a offerecer lume a outro que deixou apagar o seu charuto. Seguem a mesma direcção e vão de braço dado.

O primeiro ao segundo:

«Então que te parece este formigueiro de gente?»

O segundo ao primeiro, sacudindo a cinza do charuto com o dedo minimo e franzindo a testa como quem reflecte:

«Homem; o que te sei dizer é que o «enorme» Victor Hugo *oraculando* na grande Paris a proposito do Centenario do «morto immortal» chamado Voltaire, não juntou *n'esse dia* a terça parte da gente que a filha de um moleiro soube attrahir quasi todos os dias á gruta. Aqui ha cousa...»

Homens, mulheres, seculares, religiosos de ambos os sexos, cavalheiros da classe nobre ou média, artistas, proletarios, moços e velhos, saem das muitas hospedarias que orlam a principal arteria da cidade do Lourdes,

porque são horas da procissão que vai fazer-se em redor do sanctuario da Immaculada.

Tres *char-à-bancs* obstruem de repente a rua em frente de nós. Um cocheiro para outro :

«Aonde vais?»

«Vou despejar estes passageiros no Hotel de Roma.»

«Não percas o tempo, que já está cheio.»

«Como o sabes tu?»

«Disse-m'o esta manhã o Latapie da rua da *Vieille Eglise*, quando estive a fallar com elle á porta do restaurant do «*Cercle Catholique*».

Foram seguindo para diante, e perdeu-se-nos, com a distancia e o rodar dos carros, a continuação do dialogo.

Nas physionomias de todos estes peregrinos transluz uma expressão só, o olhar tem um só reflexo, e o caminhar dos transeuntes um unico objecto. Se todos os labios se descerrassem á uma para fallar, nonhuma dúvida que diriam—Viva Maria!

Não se divisa, como nos *boulevards* de Paris ou nos *streets* de Londres, a soffrega e apoquentada preocupação do homem mercantil (*auri fames*), do capitalista em vespera de banca-rotta, do candidato a quem se despintam todos os planos de ambição, do impudico já gasto, sempre illudido e nunca esfalfado (*deceptus, at non de fatigatus*, se ainda me lembro da «*Andriana*» do Terencio), a transparecerem-lhes debaixo do vincado sobrolho e atravez d'um vago e sinistro olhar, que não olha para nada.

Não assim em Lourdes, meu Bernardino. Quem já lá esteve tres vezes, pode dizer-te uma vez, e sem hesitação, o que presenciou. Dirias que alli todos se conhecem sem se conhecerem; que todos os romeiros são outros tantos membros d'uma familia, que ha muito tempo se não viu, e fixou n'aquella cidade o seu ponto de reunião.

No entretanto anoitece. A procissão *aux flambeaux* ha-de estar a principiar, se é que já não principiou. Deve haver immenso povo no terceiro ou largo que defronta a gruta, porque ha horas que se não vê outra cousa senão gente a correr para lá.

Effectivamente, eil-a, a procissão, que lá desfila do sopé da rocha *Massabièle*, e começa a collear atravez das ruas em meandro, que cingem a collina, no alto da qual assenta a basilica. E' simplissimo, é magestoso. Nada mais que uma cruz á frente, quatro mil christãos atraz d'ella, e no fundo um bispo. As duas enormes alas compoem-nas promiss-

cuamente o clero com o seu traje ordinario, os seculares, e as mulheres. (N'aquelle prodigioso empilhamento de pessoas que obstruem o largo da gruta e todas as proximidades até á igreja, qualquer systema de classificação seria por extremo difficil.) Tudo leva cirios nas mãos, e cada peregrinação canta em altas vozes os patrios canticos, que o genio da religiosidade popular inspirou em louvor da Mãe de Jesus.

O effeito synthetico do cortejo, observado do alto da collina, é surpreendente, particularmente no momento em que se desdobra em vasto circulo ao redor da soberba estatua da *Immaculada*, que resalta, sobre um pedestal, no centro da praça que avizinha as fraguras onde se encrava a gruta.

Parece-se com um immenso boacstringor de luz, signalado na frente pela cruz tremeluzente de prata, e deslizando com grave lenteza aos pés de Maria triumphante; ou com um descommunal enxame de pyrillamos, quaes os que inundam as alfombras da America brasileira por noites de verão, ou ainda com um ceo estrellado, cahido sobre a terra para formar a etherea auréola da Virgem-Mãe n'estas grandes manifestações da fé christã á rainha dos Ceos. A explosão de vozes que reboava na amplidão do espaço só habitado pelo silencio absoluto, produzia um effeito subjugante, contrastava solemnemente com o recato das mudas horas nocturnas, amigas de refugiar-se nos profundos alcantis dos Pyreneos. E essas vozes unimultiplices, quentes ainda do enthusiasmo da fé que as bolsára do peito, e as atirava para uma região melhor, repetiam—Viva Maria Immaculada.

(Conclue)

PADRE SENNA FREITAS.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Principiamos esta secção reproduzindo a pintura que faz do N. S. Padre Leão XIII um dos peregrinos hespanhoes ha pouco chegado de Roma:

«Leão XIII tem uma figura notavel e altamente distincta, e apesar de estar já muito velhinho, tem uma viveza e um brilho tal em seus formosos olhos como teria na idade de vinte annos; seu corpo, que os annos não poderam ainda fazer curvar, é d'uma estatura esbelta. As photographias que se vendem por toda a parte, não dão mais que uma vaga ideia da sua phisionomia. O princi-

pal traço que o caracteriza é um sorriso tão doce que a todos commove e enternece. Quando principiou o seu discurso dizendo:—«*Bemdito seja o Senhor que nos consola em meio de nossas tribulações*, expressando o quanto era agradável ao seu coração de pae o vêr reunidos tantos catholicos que, deixando a patria, se arriscaram a sulcar os mares para lhe prestar homenagem de adhesão e amor, as lagrimas brilharam em todas as faces, e os soluços comprimidos dos que tinham a dita de achar-se em frente do venerando ancião, assistindo a um acto tão sublime, era a unica cousa que perturbava o silencio que ali reinava.

O Papa tem o aspecto d'um sabio, d'um asceta e d'um monarcha. A maior das dignidades da terra descobre-se em sua figura; a doçura de seus olhares, a mansidão e affecto de suas palavras, revelam um santo e um conhecido profundo do coração humano. Quando se dirige aos fieis é empregando phrazes de paternal solicitude, a sua voz penetra nos corações de seus filhos sem perder a magestade que é devida ao Supremo gerarcha de todos os poderes da terra.

E' impossivel descrever o effeito que produziu nos peregrinos a presença do augusto Pontifice! Houve um momento de silencio produzido pelo assombro, porém, apoz elle, irromperão os vivas entusiastas, que só deixaram de ouvir-se quando o exc.^{mo} bispo de Huesca principiou o seu discurso.

A carta do Santo Padre dirigida ao cardeal Nine, produziu no meio dos revolucionarios italianos uma commoção espantosa. Não deixa de gritar a revolução que o papado está morto, e ainda assim, é bastante uma palavra d'esse morto para espalhar a confusão e o medo em meio dos vivos. A *Libertá*, depois de confessar que Sua Santidade não vê caminho nem meio que possa conduzir á paz com a Italia (revolucionaria), accrescenta: «estamos sempre no mesmo estado, o que quer dizer que o Papa quer o poder temporal como o tinha outr'ora.» E em outra parte espresava-se n'estes termos: Ella (a carta do Santo Padre) revella mais uma vez o programma traçado pelo Vaticano, que é nada menos que o seguinte: a paz com todos e a todo o custo; a guerra com a Italia, sempre e a todo o custo... O jogo do Vaticano é bem conhecido. Fazer a paz com todas as nações e uma vez feita empregar-as todas contra nós.»

O *Diritto*, entre outras cousas diz:

«*O non possumus*, contra a Italia é tão inflexível em Leão XIII como o era em Pio IX.»

E com pequenas diferenças fallam a maior parte dos periodicos da *Italia unida*.

E' digno d'attenção o seguinte trecho que transcrevemos d'uma correspondencia de Paris a um jornal do Porto:

«Tanto na França como na Allemanha o procedimento dos communistas e dos socialistas é o mesmo. Ha todavia uma differença, e é que em França, no anno de 1871, os nossos communistas mataram, queimaram e saquearam, sem que se dessem ao trabalho de nos prevenir; na Allemanha, tambem matarão, fusilarão e metterão tudo a saque, mas em todo o caso sempre previnem o seu governo, o qual se não tomar medidas energicas ha de vêr passar pelas suas ruas a bandeira que vimos fluctuar em 1848 e 1871, e na qual se lia em grossos caracteres: «*Victorial Saque! Incendio!*»

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

ESCRITOS CATHOLICOS D'HONTEM. — pelo padre Senna Freitas, 1 volume 500 reis, editor Teixeira de Freitas — Guimarães.

A exc.^{ma} snr.^a D. Guiomar Torreão, no *Almanach das Senhoras*, para 1869, na secção bibliographica, diz o seguinte acerca d'este livro:

«ESCRITOS CATHOLICOS D'HONTEM. — Os elevados dotes de pensador fluente e conceituoso, que distinguem o padre Senna Freitas, collocando-o na vanguarda dos nossos mais abalisados escriptores, affirmaram mais uma vez o seu predomínio no livro — *Escreptos catholicos d'hontem* —, que recomendamos calorosamente ás leitoras do almanach. A primeira parte, destinada a verberar os livros impios e as doutrinas anti-catholicas de meia duzia de Voltaires... de *discuit*, tem a eloquencia persuasiva e, por vezes, a explosão colerica que mal se coaduna com os sentimentos de humildade christã, mas que nos dão a perfeita medida da indignação do justo vendo a doce e intemerata penumbra do templo profanado pelos mercadejadores ignoras. A segunda parte, são breves traços de *touriste*, tres ou quatro cartas de viagem, datadas de Florença e Roma, escriptas sem a preocupação da publicidade, e ferindo no entanto a nota descriptiva, tal qual nol-a

dá o pintor fiel, rapida e colorida, espirituosa e reveladora! O estylo epistolar, uma cousa á primeira vista tão simples, o que madame de Sevigné, o padre Antonio Vieira e poucos mais não deixando successores, nos provaram ser tão difficil, é por ventura aquelle que põe bem em evidencia a actividade febril, que devora folhas de papel em rapidos minutos, da pena fecunda do padre Senna Freitas! A historia, a philosophia catholica e o formosissimo quadro final, digno do pincel ardentemente religioso de Guido Reni, em que Senna Freitas, illuminado pela chamma sobrehumana da fé, nos descreve a missa da meia noite que celebrou a bordo d'um vapor. á scintillação das estrellas, na plena quietação ineffavel do oceano, e na presença augusta do Verbo divino, prefazem a 3.^a, 4.^a, 5.^a e ultima parte do livro,

«As egrejas, escreve um sacerdote francez, o padre Gerbert, são como divinas palmeiras que mergulham as raizes nas sepulturas, que levantam as frondes para o céu e á sombra das quaes as aves do paraizo, que se chamam piedade, arrependimento e esperança, veem repousar e reanimarse.»

Livros, que, como os do padre Senna Freitas, tenham a par da bondade indiscutivel da doutrina, a belleza fascinadora da forma, são outros tantos templos á sombra dos quaes a alma, fatigada e entristecida, se dessedenta e ganha novo alento.

Deve-se ao snr. Teixeira de Freitas, proprietario da livraria internacional de Guimarães, a edição d'esta notavel obra.»

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS. — Recommendamos aos nossos illustres assignantes a leitura da capa que envolve o presente numero, onde transcrevemos a opinião da parte da imprensa, que se tem occupado de tão util publicação.

Os preços da assignatura são os que foram indicados na ultima pagina do primeiro numero.

À IMPRENSA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

Por esquecimento não foi enviado o nosso primeiro numero á maior parte dos jornaes, do que pedimos desculpa. Enviamos agora o primeiro com o segundo e a todos pedimos a troca como prova de boa camaradagem.

Temos já a agradecer os cumprimentos que nos dirigiram a «Religião e Patria»,

«Nação», e «Commercio do Minho».

EXPEDIENTE

O «*Progresso Catholico*» continúa a ser enviado a todos os snrs. assignantes da *Historia dos Papas* e das mais publicações feitas pelo editor d'esta revista, pois que contamos d'esde logo com a assignatura de todos. A ultima parte do expediente do primeiro numero só se entende com os cavalheiros a quem mandamos a folha sem aqui terem aberto outra assignatura. Todavia a todos pedimos o prompto pagamento de suas assignaturas.

Aos snrs. assignantes cujas importancias estão satisfeitas, enviamos a cinta do periodico com a seguinte declaração:

«A assignatura de V. Exc.^a está paga até ao dia 15 d'outubro de 1879».

Prevenimos os nossos assignantes de que no fim de cada anno publicaremos o indice das materias publicadas em todos os numeros, o qual será distribuido com o rosto e contra rosto para se poder encadernar.

A todos continuamos a pedir o favor de nos angariarem assignaturas.

Preço da assignatura:

Anno, para Portugal e ilhas 600 rs.
» Brazil—paquetes . . 1200 »

As assignaturas podem principiar em qualquer n.º, mas terminarão sempre com o ultimo de cada anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do *Progresso Catholico* rua de S. Damazo, Guimarães, e os vales ou ordens de pagamento passados a favor de José Antonio Teixeira de Freitas.

SECCÃO DE ANNUNCIOS

O MATRIMONIO

Sua lei natural e historia, sua importancia social

Por D. Joaquim Sanches da Toca

TRADUCÇÃO

Do bacharel Luiz Beltão da Fonseca Pinto de Freitas

2 volumes em 8.º grande... 15000 rs.

EIS ALGUNS TREXOS EXTRAHI DOS DAS APRECIACÖES DA IMPRENSA ACERCA D'ESTA OBRA

O assumpto é sério como poucas, tratado com uma erudição que não é pesada; com muita philosophia no melhor sentido da palavra, e sobretudo com um espirito altamente catholico, que desde a primeira até á ultima pagina se não desmente. Quando o abrimos, tinhamos algum receio sobre este ponto, o mais importante certamente, mas por fortuna—rara fortuna nos tempos que correm—dissiparam-se por completo com a sua leitura. Não só isso, reconhecemos que o livro era repassado de religião, de piedade e de profundo respeito á Igreja.

(Do Bem Publico de 31 de janeiro de 1875).

Ná verdade basta ler a obra para conhecer os vastos conhecimentos historicos e canonicos do snr. Toca, que por este só escripto se evidencia ser um sabio de primeira ordem. Esta questão do matrimonio, que é hoje para a sociedade uma questão vital, está allí tratada sob todos os pontos de vista em que se póde encarar e principalmente sob o ponto de vista catholico. Este livro é um d'aquelles por cujo propagação não podemos deixar de interessar-nos devoras, tendo a certeza de que fazemos n'isso grande serviço á sociedade portugueza. Recommendamol-o, pois, efficaçamente, e nunca nos cansariamos de recommendal-o se tiveramos tempo para tornar a fallar d'elle a nossos leitores.

(Extrato do artigo da *Palavra* de 21 de dezembro de 1875).

A REVOLUÇÃO

INVESTIGAÇÕES HISTORICAS

POR

Mons. Gaume

TRADUCÇÃO DE

Antonio Moreira Bello

Preço 120 réis.

ESCRITOS CATHOLICOS D'HONTEM

PELO

P.º SENNA FREITAS

DA CONGREGAÇÃO DAS MISSÖES

1 vol. de mais de 300 pag. . . 500 réis.

Extracto do «Commercio do Minho» n.º 683

Um livro de certame catholico, um livro cheio de interesse, e sem o contexto massudo, que muitas vezes afasta o desejo de lêr, pela monotonia e extensão dos assumptos. Não: os «Escriptos Catholicos d'Hontem», pelo padre Senna Freitas, são curtas scenas de combate, ora traçadas no reinanso de uma critica suave e florida, ora no ardor do enthusiasmo catholico-patriotico, com a vehemencia de uma logica indobavel, sempre ramalhetes de estylo castigado, sempre arrojo de um espirito inspirado na defeza da causa duplamente santa da igreja de Pedro, e da patria que é nossa.

Livro para adversarios e para amigos, para o povo e para as salas, para os doutos e para familias, eis o que nos parecem os «Escriptos Catholicos» do padre Senna Freitas.

A MAÇONARIA E OS JESUITAS

INSTRUCÇÃO PASTORAL

DO

BISPO D'OLINDA

Edição vimaranense com prologo e notas

1 volume. 500 réis

Extracto d'um artigo da «Nação» acerca d'esta obra

E' uma pastoral como não conhecemos outra na lingua de Camões; uma pastoral que é um magnifico tratado anti-maçonico, que enche um grosso volume digno de figurar na mais modesta, como na mais sortida livraria; uma pastoral escripta com fogo, que não amortece, desde a primeira até á ultima pagina.

E' uma pastoral erudita, eloquente, doutrinal, instructiva, por conseguinte é accommodadissima, é grandemente opportuna para os tempos que correm.

E' não menos, um livro de controversia religiosa, escripto com elevação

de vistas, em linguagem vernacula, escolhi-la, sem ser affectada; energico, solido e verdadeiramente triumphante.

A DOCTRINA CATHOLICA

E A

ESCOLA LIBERAL

POR

D. José Maria Antequera

TRADUCÇÃO E PROLOGO

DE

Martins Sousa

1 volume de 70 paginas... 200 réis.

Do «Bem Publico» extrahimos as seguintes linhas referentes a este livro

Encontra-se n'este livro a verdadeira noção de liberdade, mostrando que esta não póde nunca pertencer ao mal, o que é erro preconizado pelo liberalismo, posto que a não reconheça para tudo o que a sua conveniencia qualifica de mal. E mostra que a Igreja foi sempre a mais incansavel protectora da liberdade em todos os tempos, e portanto, quando ella se oppõe ao systema que hoje se condecora com esse nome, como sempre fizeram os despotas, é porque é um verdadeiro despotismo essa falsa liberdade.

OS NOSSOS BISPOS DO CONTINENTE

A PROPOSITO

DAS

EXEQUIAS DA LAPA

EM HONRA

DE

Alexandre Herculano

Acaba de sahir do prelo este importante livrinho que se vende por 200 réis Para os assignantes da *Historia Popular dos Papas* e do *Progresso Catholico* 120 rs.

Do artigo que a proposito d'este livrinho publicou a *Civilização*, de Ponta Delgada, em seu numero de 4 de maio de 1878, tratamos o seguinte:

«Recommendamos a leitura do referido opusculo, poisque não vimos ainda alliar tão bem a expressão franca e decidida das verdades mais duras com o ministerio que exercem os prelados. O seu estylo é tão brilhante, energico, e colorido que nos faz lembrar o de um ecclesiastico, notavel já pelos seus escriptos, e que tem dado um grande impulso a este movimento litterario-catholico, que admiramos».

Todas estas obras são enviadas, francas de porte, pelo correio, a quem mandar a sua importancia a Teixeira de Freitas—S. Damazo—Guimarães.

BRAGA — TYP. LUZITANA — 1878.